

## **AMOR ROMÂNTICO E IDENTIDADE FEMININA: UMA LEITURA CRÍTICA EM BELL HOOKS**

**Andreza de Sousa Alves**

Discente - Centro Universitario Fametro - Unifametro

andreza.alves03@aluno.unifametro.edu.br

**Gabriel Said da Mota Oliveira**

Discente - Centro Universitario Fametro - Unifametro

Gabriel.oliveira04@aluno.unifametro.edu.br

**Isabele Rodrigues Constancio**

Discente - Centro Universitario Fametro - Unifametro

isabele.constancio01@aluno.unifametro.edu.br

**Rayla Alexandrina da Costa Alves**

Discente - Centro Universitario Fametro - Unifametro

Rayla.alves@aluno.unifametro.edu.br

**Amanda Lívia de Lima Cavalcante**

Docente - Centro Universitario Fametro - Unifametro

amanda.cavalcante@professor.unifametro.edu.br

**Área Temática:** Psicologia social e comunitária

**Área de Conhecimento:** Ciências da Saúde

**Encontro Científico:** XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

### **RESUMO**

O presente trabalho busca analisar as implicações do amor romântico na construção da identidade de mulheres, a partir de uma revisão bibliográfica fundamentada principalmente na obra *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, de Bell Hooks. A pesquisa parte da compreensão do amor como prática ética, política e ensinável, contrapondo-se às concepções idealizadas e normativas sustentadas pelo patriarcado, racismo e capitalismo. Nesse sentido, propõe-se analisar as representações históricas do amor romântico e seus impactos na construção da identidade feminina, bem como refletir sobre alternativas de ressignificação fundamentadas em perspectivas feministas e decoloniais. A metodologia utilizada é qualitativa, de caráter bibliográfico e crítico-interpretativo. Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter narrativo, baseada em autoras como Bell Hooks, Carla Akotirene, Simone de Beauvoir, Geni Núñez e Eva Illouz. Os resultados apontam que o amor romântico, em sua forma hegemônica, atua como dispositivo de controle sobre as mulheres, sobretudo as mulheres negras, mas também pode ser ressignificado enquanto prática de emancipação e justiça. Conclui-se que, ao ser compreendido como prática ética e política, o amor torna-se uma ferramenta de transformação social, capaz de contribuir para identidades femininas mais autônomas e relações afetivas horizontais.

**Palavras-chave:** amor romântico, identidade feminina, feminismo, interseccionalidade,

**decolonialidade.**

## INTRODUÇÃO

*"Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo – contra a alienação e a separação. A escolha por amar é uma escolha por conectar – por nos encontrarmos no outro" (HOOKS, 2021, p.129).*

Com essa afirmação, Bell Hooks inaugura uma compreensão de amor que transcende a ideia restrita ao campo privado ou íntimo, situando-o como prática ética, política e coletiva. Pensar o amor, sobretudo no contexto de sociedades atravessadas pelo patriarcado, pelo racismo e pela lógica colonial, torna-se um exercício crítico e transformador.

Historicamente, o amor romântico ocupou lugar central na construção das identidades femininas, muitas vezes operando como dispositivo de normatização social. Às mulheres foi ensinado que o amor deveria ser o núcleo de suas vidas, enquanto para os homens esse sentimento raramente se configurou como eixo de identidade. Tal assimetria revela não apenas as desigualdades de gênero, mas também a forma como os afetos são moldados por estruturas sociais mais amplas.

No entanto, se por um lado o amor romântico pode aprisionar e reforçar papéis de submissão, por outro, repensar o amor — como sugere Bell Hooks — abre espaço para práticas afetivas emancipatórias, pautadas na autonomia, no cuidado e na coletividade. Esse diálogo se enriquece quando atravessado pelas perspectivas da interseccionalidade (CRENSHAW, 1989; AKOTIRENE, 2019) e da decolonialidade (GENI; NUÑEZ, 2023), que denunciam como gênero, raça e colonialidade influenciam as formas de amar e ser amado.

O exercício de repensar o amor exige reconhecer também as desigualdades presentes nas expectativas e nas práticas afetivas. Em sua obra, Hooks (2021) chama atenção para o fato de que, embora o amor seja amplamente tematizado em obras escritas por homens — desde a filosofia até a literatura —, na experiência cotidiana, são as mulheres que mais anseiam por ele. Ao mesmo tempo, são também elas as que mais se dedicam a amar oferecendo cuidado e afeto.

Como salienta Lerner (2019, p.25), as mulheres “fizeram história, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria história e de interpretar a história, seja a delas mesmas ou a dos homens. [...] foram excluídas da iniciativa de criar sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis. [...] excluída da formação de teorias”. Essa negação do saber e do fazer

reflexivo não se limita ao campo público, mas se estende ao terreno afetivo, pois reforça a ideia de que o amor feminino deve ser doação e serviço.

Essa negatização do saber e do fazer reflexivo não se limita ao campo público, mas se estende ao terreno afetivo, pois reforça a ideia de que o amor feminino deve ser doação e serviço.

As instituições religiosas tiveram papel central na consolidação da lógica patriarcal. Como observa Lerner (2019), a eliminação das figuras femininas divinas e a ascensão de um único Deus masculino no judaísmo e no cristianismo redefiniram a posição das mulheres como secundária, voltada ao serviço dos homens. Essa mudança simbólica reforçou valores de obediência e renúncia, fazendo com que o amor fosse culturalmente associado à entrega feminina, e não ao reconhecimento de seus desejos. Os desejos morais foram silenciados pela autoridade masculina, e os sexuais, antes relacionados à fertilidade, passaram a ser vistos como pecado e vergonha. Dessa forma, o cristianismo contribuiu para que o amor fosse vivido como prática de submissão, moldando a identidade das mulheres em torno da doação constante, em vez da autonomia e reciprocidade.

Nesse sentido, compreender o amor romântico a partir dessa perspectiva crítica possibilita analisar como tais assimetrias atravessam a formação da identidade feminina. Ao serem moldadas para oferecer cuidado e afeto, mas raramente reconhecidas em sua necessidade de recebê-los, as mulheres têm suas subjetividades direcionadas para as expectativas de doação e renúncia, de si mesmas e seus desejos. Esse processo evidencia como a experiência do amor não se limita ao campo íntimo e monogâmico, mas se expande em um elemento estruturante da identidade de gênero.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar as representações históricas do amor romântico e seus impactos na construção da identidade feminina, bem como propor reflexões sobre alternativas de ressignificação fundamentadas em perspectivas feministas e decoloniais.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de ampliar o debate sobre o amor como um fenômeno social, político e histórico que impacta diretamente a construção da identidade feminina. Ao problematizar as concepções hegemônicas de amor romântico e evidenciar seus vínculos com sistemas de opressão, o estudo contribui para desconstruir narrativas que naturalizam a submissão das mulheres e, ao mesmo tempo, aponta caminhos para a ressignificação do amor como prática emancipatória, ética e coletiva. Dessa forma,

abre espaço para reflexões transformadoras no campo das relações afetivas e na luta por equidade de gênero.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e crítico-interpretativo, fundamentada principalmente nas obras de bell hooks (Tudo sobre o amor: novas perspectivas, 2021; Comunhão: a busca das mulheres pelo amor, 2024). Estabelece-se, ainda, um diálogo com autoras que problematizam o amor a partir de perspectivas feministas, interseccionais e decoloniais, tais como Akotirene (2019), Núñez (2023), Beauvoir (2009), Illouz (2019), Lerner (2019) e Kehl (2000).

A revisão de literatura, de caráter narrativo, privilegiou produções acadêmicas que discutem o amor em perspectiva crítica e relacional, especialmente em suas implicações para a construção das identidades femininas. Além disso, foram incluídas obras clássicas de referência — como Beauvoir (2009) e Kehl (2000) — pela relevância de suas contribuições teóricas para o debate sobre gênero, subjetividade e fraternidade.

Como critério de exclusão, descartaram-se textos que abordassem o amor de forma estritamente biológica ou a partir de uma visão heteronormativa e reducionista, sem articulação com as dimensões sociais, de gênero e de poder. A análise seguiu uma abordagem temática e interpretativa, articulando os conceitos de Bell Hooks — sobretudo a compreensão do amor como prática ética, política e emancipatória — às críticas feministas e decoloniais sobre o amor romântico. Esse percurso permitiu identificar tanto as formas de normatização que historicamente atravessam o amor quanto as possibilidades de ressignificação afetiva voltadas para a autonomia, o cuidado e a coletividade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A revisão da literatura mostra que o amor romântico, tal como foi construído na cultura ocidental, atua como um ideal normativo que organiza a vida das mulheres. Essa centralidade, porém, não é neutra: está atravessada por expectativas sociais que naturalizam desigualdades de gênero. Simone de Beauvoir (1949/2009) já apontava que a mulher foi historicamente constituída como “o outro”, e nesse processo o amor tornou-se um eixo de identidade feminina. Desde cedo, as meninas aprendem que amar significa dedicar-se, renunciar e, sobretudo, cuidar.

Entretanto, como enfatiza Hooks (2021), o amor não é o cuidado, embora a cultura faça as mulheres acreditarem que esta é a dimensão mais importante do amor. Muitas

mulheres confundem esses termos porque foram educadas para acreditar que sua principal função era zelar pelo bem-estar alheio. Essa confusão não apenas reforça a sobrecarga emocional feminina, mas também normaliza a ideia de que suportar dor ou negligência seria uma prova de compromisso. Para Hooks (2021), esse entendimento precisa ser superado, pois amor e abuso não podem coexistir. Reconhecer essa distinção é um passo essencial para romper com a cultura que romantiza a violência.

Essa representação do amor é ainda mais reforçada pelas lentes da mídia e da cultura popular. Crescemos assistindo a filmes e comédias românticas que reiteram a ideia de que a felicidade plena só se alcança ao encontrar a “metade da laranja”. Essas narrativas, aparentemente inocentes, moldam expectativas afetivas e fazem do amor romântico um destino inevitável para as mulheres, enquanto outras formas de vínculo permanecem invisibilizadas ou secundarizadas (ILLOUZ, 2019).

No entanto, como lembra a interseccionalidade proposta por Kimberlé Crenshaw (1989) e aprofundada no Brasil por Carla Akotirene (2019), não se pode falar de “mulheres” de modo homogêneo, já que as experiências das mulheres negras não podem ser explicadas apenas pelo sexismo ou apenas pelo racismo. Mulheres negras, periféricas e pobres vivem o amor de forma atravessada por desigualdades estruturais. A elas, além da expectativa de se dedicarem ao lar, recai também a herança colonial que as posiciona como sustentáculo do cuidado alheio, muitas vezes em detrimento de si mesmas. Esse processo evidencia como o apagamento histórico da cultura negra se estende também ao campo amoroso, onde mulheres negras são frequentemente desvalorizadas ou estereotipadas.

Nesse sentido, o autoconhecimento torna-se ferramenta fundamental para a construção da identidade dessas mulheres. Reconhecer-se, valorizar-se e compreender os atravessamentos de gênero, raça e classe em suas vivências é condição para não se perder em relações que anulam, mas, ao contrário, para experimentar vínculos que gerem pertencimento e sentido. Assim, a busca por autoconhecimento aparece como movimento de resistência frente ao apagamento, permitindo que o amor se torne espaço de afirmação e não de silenciamento.

É nesse horizonte que as contribuições feministas e decoloniais se mostram fundamentais. Para Hooks (2021) “o amor pode ser aprendido e deve ser ensinado”. Ao afirmar isso, a autora retira o amor do campo da idealização e o reinscreve na vida cotidiana como aprendizado e escolha. Nessa perspectiva podemos dizer que os afetos foram colonizados ao serem submetidos a uma lógica que legitima hierarquias e exclusões,

descolonizar os afetos, portanto, é abrir espaço para vínculos mais justos, equitativos e comunitários. (GENI; NUÑEZ, 2023)

Assim, torna-se possível perceber que o amor romântico pode tanto reforçar papéis de gênero quanto tensioná-los. Quando sustentado em ideais de posse e desigualdade, ele perpetua violências. No entanto, quando repensado criticamente, pode abrir caminho para relações mais horizontais e saudáveis. Hooks (2024) insiste que não há amor sem justiça, o que significa que amar exige responsabilidade, reconhecimento e reciprocidade — e não a idealização do sofrimento.

Nesse processo de ressignificação, é fundamental valorizar outras formas de vínculo. As amizades, por exemplo, oferecem experiências de afeto e cuidado mútuo que não estão atreladas a expectativas de posse ou dominação. Apesar de muitas vezes subestimada frente ao amor romântico, elas podem ser fontes profundas de identidade, apoio e saúde emocional. A psicologia também reconhece seu papel protetivo, indicando que redes de amizade são essenciais para a construção de subjetividades mais fortes e autônomas (KEHL, 2000).

Por fim, destaca-se a reflexão apresentada por Hooks no capítulo Comunidade: uma comunhão amorosa. Para a autora, o amor não deve se limitar ao espaço íntimo, mas expandir-se como prática comunitária: “O amor é o que possibilita resistir às forças de alienação e separação impostas pelo capitalismo e pelo patriarcado” (HOOKS, 2021). Amar, nesse sentido, é ato político que sustenta solidariedades e possibilita a construção de comunidades pautadas na justiça e na dignidade.

Em síntese, os resultados desta revisão indicam que o amor romântico, na forma hegemônica com que foi representado culturalmente, atua como dispositivo de controle sobre as mulheres, sobretudo sobre mulheres negras. Porém, ao mesmo tempo, as perspectivas feministas e decoloniais, em diálogo com Bell Hooks, revelam que o amor pode ser ensinado, cultivado e ressignificado. Ao ampliar seu alcance para o autoconhecimento, para as amizades e para a comunidade, o amor se transforma em prática emancipadora, capaz de abrir caminhos para identidades femininas mais autônomas e para relações que produzam pertencimento, sentido e justiça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, compreende-se o quão enraizada está a lógica colonial do amor e o quão urgente se faz a construção de relações pautadas em comprometimento ético e

político. Para além de esclarecer as contribuições de bell hooks e de outras intelectuais feministas e decoloniais, este trabalho buscou confrontar o imaginário que persiste sob as vestes do patriarcado, impulsionando-nos, enquanto coletivo, a pensar novos modos de amar.

É preciso refletir sobre quais mulheres são reconhecidas como dignas de serem amadas e a quem interessa a manutenção da misoginia, da servidão e da obediência. Se o amor é prática revolucionária, torna-se essencial descolonizar não apenas as estruturas sociais, mas também os afetos. Como alerta Hooks, o fracasso das relações não é acidental, mas consequência de um sistema que não nos educa para amar.

Em última análise, o amor não pode ser entendido como posse ou conquista, mas como prática que floresce no reconhecimento, no investimento e na liberdade. Amar, nesse paradigma, é devolver a si e ao outro a possibilidade de existir fora das lógicas de opressão. Assim, pensar em outras perspectivas do amor significa romper com a abstração romântica e assumir o amor como campo de disputa política e potencial emancipatório.

Conclui-se, portanto, que ao descolonizar os afetos abrimos espaço para vínculos que, em vez de reforçar o controle e a subordinação, promovem autonomia, liberdade e reconhecimento mútuo. Essa ressignificação do amor mostra-se fundamental para a construção de identidades femininas mais autônomas e para a consolidação de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

## REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução de Stephanie Borges. Petrópolis: Editora Elefante, 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Pólen (Coleção Feminismos Plurais), 2019.

HOOKS, bell. **Comunhão: a busca das mulheres pelo amor.** Petrópolis: Editora Elefante, 2024.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar.** São Paulo: Paidós, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2009.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Tradução de Fabiola Areal. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

KEHL, M. R. (Org.). **Função Fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.